

Colégios de elite discriminam alunos reprovados

Em pelo menos cinco instituições de São Paulo os repetentes são jubilados

ROSA BATTISTELA

A reprovação em algumas escolas de elite da Capital equivale a uma condenação sumária. Nessas instituições de ensino, é proibido "bombar". O aluno reprovado é jubilado. Outra prática comum entre as chamadas cinco estrelas da educação paulistana é a de não aceitar repetentes vindos de outras escolas. Dessa forma, a família adepta do modelo pedagógico adotado por tais estabelecimentos fica sem opção quando vive a desconfortável experiência de ter o filho recusado pela escola.

Na semana passada, uma advogada de São Paulo percorreu diversas escolas da Capital e não conseguiu matricular a filha repetente do 2º colegial no Colégio Bandeirantes. Ela não quis ter seu nome revelado pelo jornal por temer que outras instituições rejeitem a matrícula de sua filha de 16 anos. Segundo a advogada, colégios como Rio Branco, Santo Américo, Porto Seguro e Etapa recusaram-se a receber a jovem.

Defasagem — "O aluno repetente chega defasado quanto ao aproveitamento", justificou o diretor-geral do Colégio Rio Branco, Primo Pascoli Melare. Em geral, disse, está com a idade adiantada em relação ao limite do grupo. A norma consta do regimento e, segundo Primo, tem o

objetivo de preservar o aluno e a própria escola. O estudante matriculado no Rio Branco só é jubilado no segundo ano de reprovação consecutiva.

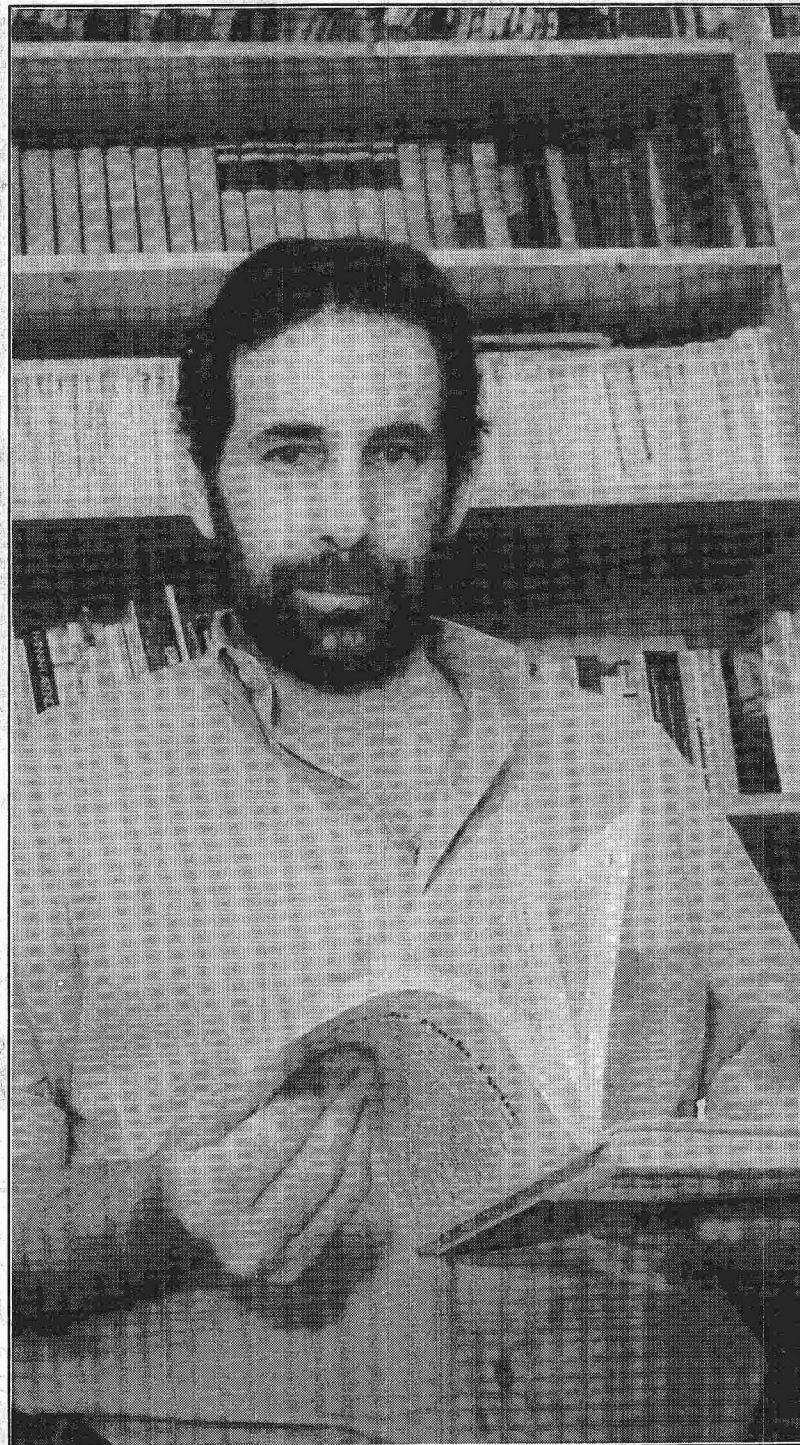
A mesma regra vale para o Colégio Santo Américo. O reitor da instituição, d. Gabriel Iroff, considerou que matrícula é inviável porque "as exigências da escola superam as possibilidades do aluno". "Não podemos nos guiar por conveniências", considerou o reitor. "Mas há exceções em relação aos alunos provenientes de outras escolas", disse. Ele não revelou quais.

NESSAS
ESCOLAS, É
PROIBIDO
'BOMBAR'

Regimento — O diretor do Colégio Bandeirantes, Mauro de Salles Aguiar, explicou que o jubilação consta do regimento interno desde 1977. Ele frisou, no entanto,

que a escola só rejeita o aluno reprovado em primeira época, isto é, aquele que necessitaria de recuperação em mais de três matérias. "Na maioria dos casos, isso acontece porque não está havendo adaptação adequada na escola", considerou. "É muito mais sadio para o aluno procurar uma outra forma de trabalho pedagógico", afirmou o diretor do Bandeirantes.

O objetivo da jubilação não é punitivo, reforçou. Na opinião de Salles Aguiar, há escolas menores que podem dar melhor acompanhamento ao aluno, "perceber exatamente o que ele precisa". O diretor ressaltou, ainda, que todos os casos são analisados individualmente e, se o motivo da reprovação não estiver ligado ao modelo pedagógico adotado pela instituição, o aluno até pode permanecer no colégio.



Silvio Bock: "A jubilação é um horror, é a educação da pancada"

Jubilação divide os profissionais da área

A jubilação é uma questão polêmica entre profissionais ligados à área educacional. "É um horror", critica o pedagogo Silvio Bock, que atua na área vocacional. "Esta é a educação da pancada", define. Bock lembra que, embora a família possa recorrer judicialmente contra a medida, não vale a pena. "Uma ação contribuirá para aumentar o estigma desse jovem", considera. "A hora, portanto, é propícia para os pais avaliarem que tipo de escola querem realmente para seus filhos", disse. O psicólogo não aprova a avaliação via nota. "Avaliar é perceber se o aluno aprendeu ou não."

O psiquiatra infantil Haim Grunspun tem posição favorável às escolas. "O indivíduo que não tem condições para acompanhar o modelo proposto tem mesmo de ser posto para fora", defende. Segundo Grunspun, a regra não é irreversível. "Existe o conselho de escola para analisar o caso de cada aluno", salientou. "Mas estas escolas têm compromisso com o futuro sério."

'Injustiça' — Já o filólogo e professor de língua portuguesa Napoleão Mendes de Almeida acha esse procedimento "uma injustiça". Para ele, só se justifica em "caso muito sério de indisciplina". O psiquiatra de jovens Içami Tiba, autor de vários livros para adolescentes, aprova a medida. "O aluno que pode repetir à vontade perde

a vergonha e os pais assistem a tudo placidamente", afirmou. "O repetente se torna um líder negativo." Para ele, a contradição está na família que insiste em manter o repetente na escola.

"As exigências hoje não são grandes demais", explicou. "Com metade da nota 10, que é o valor da prova, ele consegue ser promovido." Tiba acredita que ao ser reprovado o jovem demonstra inadaptabilidade. "Repetir não é normal", garante. "Acontece porque alguma coisa não está bem."

NEM SEMPRE
REPETÊNCIA
REVELA
INCAPACIDADE

Momento — A reprovação pode estar ligada a determinado momento da vida do aluno e nem sempre revela incapacidade. A opinião é da psicóloga Ana Rosa Pernambuco, especializada em adolescentes. "Às vezes, a causa da repetência é emocional", cogita Pernambuco. O fato, sugere, pode ser propício para uma reflexão do aluno sobre onde e por que falhou. "As pessoas nem sempre são reprovadas por déficit intelectual", alerta. "A medida pode ser prejudicial para o futuro e o potencial do aluno."

O psicólogo Ruy de Mathis, também especializado em adolescentes, não acredita em reflexos negativos. "O estudante matriculado em um colégio dessa linha conhece as regras do jogo", afirma. "Ele sabe quando não tem mais chances e para a família o maior peso é o financeiro."